

MARK FORSYTH

Uma breve história da bebedeira

Tradução

Lígia Azevedo



COMPANHIA DE MESA

Copyright © 2017 by Mark Forsyth
O autor assegura seus direitos morais.
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
A Short History of Drunkenness

Capa e ilustração
Rafael Nobre

Preparação
Sílvia Massimini Felix

Revisão
Marise Leal
Thaís Totino Richter

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Forsyth, Mark

Uma breve história da bebedeira / Mark Forsyth ; tradução Lígia
Azevedo. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

Título original: A Short History of Drunkenness
ISBN 978-85-92754-09-9

1. Bebidas – História social e cultural 2. Bebidas – Usos e costumes
3. Bebidas alcoólicas 4. Bebidas alcoólicas – História. I. Título

18-13558

CDD-394.1309

Índice para catálogo sistemático:

1. Bebidas : Utilização : História : Costumes 394.1309

[2018]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.companhiadasletras.com.br
instagram.com/companhiademesa

Sumário

<i>Introdução</i>	7
1. Evolução	13
2. A pré-história da bebida	22
3. Os bares na Suméria	27
4. Egito antigo	38
5. O simpósio grego	49
6. A bebida na China antiga	60
7. A Bíblia	67
8. O convívio romano	75
9. A Idade das Trevas	86
10. A bebida no Oriente Médio	95
11. O <i>sumbl</i> viking	109
12. A cervejaria medieval	119
13. Os astecas	130
14. A onda do gim	136
15. Austrália	152
16. O saloon do Velho Oeste	163

17. Rússia	179
18. Lei Seca	188
Epílogo	201
<i>Referências bibliográficas</i>	205
<i>Agradecimentos</i>	213
<i>Índice remissivo</i>	214

Introdução

Receio que eu não saiba de verdade o que é a bebedeira ou a embriaguez. Pode parecer uma estranha confissão para alguém que está prestes a escrever um livro como este, mas, para ser sincero, se os autores deixassem que algo tão insignificante quanto a ignorância sobre um assunto os impedisse de escrever, as estantes das livrarias estariam vazias. De qualquer modo, tenho uma vaga ideia do que seja a embriaguez. Venho conduzindo vastos estudos empíricos sobre a bebedeira desde a tenra idade de catorze anos. De muitas maneiras, gosto de pensar em mim mesmo como um Santo Agostinho dos tempos modernos. “O que é o tempo, então?”, dizia ele. “Se ninguém me perguntar, eu sei; mas, se quiser explicar a alguém que me pergunte, não sei.” Substitua “tempo” por “embriaguez” e basicamente chegamos à minha santa posição.

Estou ciente de alguns fatos médicos básicos. Duas gins-tônicas prejudicam seus reflexos; uma dúzia reaproxima você do seu almoço e torna difícil ficar de pé; uma quantidade indeterminada, que não estou disposto a testar, mata. Mas isso não quer dizer que saibamos (à maneira de Santo Agostinho) o que é a

embriaguez. Se um alienígena batesse à minha porta e perguntasse por que as pessoas neste peculiar planeta bebem álcool, eu não responderia: “Ah, é para retardar nossos reflexos. Não queremos ficar bons demais no pingue-pongue”.

Há outra mentira que em geral é dada como desculpa nesse momento: o álcool diminui as inibições. Nada poderia estar mais distante da verdade. Faço um monte de coisas quando estou de pileque que nunca *quis* fazer quando estava sóbrio. Posso conversar por horas com pessoas que, sóbrio, consideraria entediantes. Me lembro de certa vez me debruçar na janela de um apartamento em Camden e empunhar um crucifixo ordenando às pessoas que passavam que se arrependessem. Isso não é uma coisa que anseio fazer quando estou sóbrio e que simplesmente não tenho coragem.

De qualquer maneira, alguns dos efeitos da bebida não são causados pelo álcool. É só oferecer cerveja sem álcool às pessoas sem mencionar esse detalhe para concluir isso. Você pode observá-las bebendo e tomar notas. Sociólogos fazem isso o tempo todo, e os resultados são consistentes e conclusivos. Primeiro: nunca confie em um sociólogo num bar; eles devem ser vigiados o tempo todo. Segundo: se na sua cultura o álcool supostamente torna as pessoas agressivas, você fica agressivo; se na sua cultura ele torna as pessoas religiosas, você se sente cheio de fé. Os resultados podem até mudar para uma mesma pessoa em diferentes sessões de bebedeira. Se o insidioso sociólogo anunciar que estão estudando as relações entre bebida e libido, todo mundo fica libidinoso; se disser que o tema é música, todo mundo começa a cantar.

As pessoas até alteram seu comportamento dependendo do tipo de bebida que acham que estão ingerindo. Mesmo que o ingrediente ativo — etanol — seja idêntico, seu comportamento muda dependendo das origens e das associações culturais relacionadas à bebida em questão. Os ingleses são muito propensos a fi-

car agressivos depois de alguns copos de cerveja, mas se você lhes der vinho — que é associado com elegância e com a França — eles ficam recatados, refinados e, nos casos mais sérios, brota uma boina em sua cabeça.

Algumas pessoas ficam muito irritadas quando alguém lhes diz isso. Insistem que o álcool causa o que quer que seja que eles não gostam — como por exemplo o ímpeto violento. Se você apontar que as culturas nas quais o álcool é proibido também são violentas, elas pigarreiam em sinal de desaprovação. Se eu disser, o que é verdade, que bebo muito mais do que a maioria das pessoas, mas não bato em ninguém desde os oito anos (antes que bebidas intoxicantes tivessem tocado meus lábios pacíficos), elas dizem: “Tá, mas e todas as outras pessoas?”. É sempre assim. Malditas sejam as outras pessoas, elas são um inferno. Mas a maior parte de nós consegue beber a noite toda num jantar agradável sem dar uma única facada no convidado ao seu lado.

E, na improvável hipótese de ser de repente transportado para outro lugar e outra época, um egípcio da Antiguidade provavelmente ficaria muito surpreso ao ver que você não bebe para receber uma visão de Hathor, a deusa com cabeça de leão, pois ele achava que *todo mundo* fazia aquilo. Um xamã neolítico ia se perguntar por que você não consegue se comunicar com seus ancestrais. Um surma da Etiópia talvez não entendesse por que você ainda não começou a trabalhar. É o que esse povo faz quando bebe, e eles têm até um ditado a respeito: “Onde não há cerveja, não há trabalho”. Só a título de curiosidade, isso é chamado de “bebida de transição”, porque marca a passagem de uma parte do dia para outra. Na Inglaterra, bebemos quando saímos do trabalho, mas os surmas bebem antes de começar a fazê-lo.

Falando em outros termos, quando Margaret Thatcher morreu, ela não foi enterrada com todas as suas taças de vinho e uma quantidade impressionante de garrafas — o que consideramos

normal. Na verdade, o contrário seria bem perturbador. Mas *nós* somos os estranhos, os esquisitões, os excêntricos. Na maior parte da história da humanidade, os líderes políticos foram enterrados com tudo de que precisariam para uma boa bebedeira post mortem. A tradição remonta ao rei Midas, à protodinastia do Egito antigo, aos xamãs da China antiga e, é claro, aos vikings. Mesmo aqueles que pararam de respirar há tempos gostam de ficar mamados de vez em quando — pode perguntar à tribo tiriki, do Quênia, que derrama cerveja sobre a cova de seus antepassados, só para garantir.

A embriaguez é praticamente universal. Quase toda cultura no mundo tem bebida alcoólica. Os poucos que não se animavam muito — como os povos da América do Norte e da Austrália — foram colonizados por outros bem entusiasmados. Em cada lugar e em cada época, a embriaguez é algo diferente. Uma celebração, um ritual, uma desculpa para bater nos outros, um modo de tomar decisões ou ratificar contratos e milhares de outras práticas peculiares. Quando os antigos persas tinham que tomar uma decisão política importante, debatiam o tema duas vezes: uma bêbados e outra sóbrios. Se chegassem à mesma conclusão em ambas, agiam.

É disso que este livro trata. Não do álcool em si, mas da embriaguez: suas armadilhas e seus deuses. De Ninkasi, a deusa suméria da cerveja, aos quatrocentos coelhinhos bêbados do México.

Preciso esclarecer alguns pontos antes que comecemos. Primeiro: trata-se de uma *breve* história. Uma história completa da embriaguez exigiria uma história completa da humanidade, o que gastaria muito papel. Então decidi selecionar alguns pontos na história para ver como as pessoas tomavam umas e outras. Como as coisas aconteciam num saloon do Velho Oeste, numa taberna medieval inglesa ou num simpósio grego? Quando uma garota do Egito antigo queria tomar uns drinques, o que exatamente ela fa-

zia? Cada noite é diferente, claro, mas é possível ter uma boa ideia, ainda que um pouco nebulosa.

Os livros de história gostam de contar que fulano ou beltrano bebiam, mas não explicam os detalhes da bebedeira. Como acontecia? Com quem? A que hora do dia? Beber sempre envolveu uma série de regras, raramente escritas. Na Inglaterra atual, por exemplo, embora não haja uma lei, todo mundo sabe que não se pode beber antes do meio-dia, a não ser, por motivos desconhecidos, em aeroportos ou partidas de críquete.

Mas, em meio às regras, encontra-se a bebedeira desvairada. A anarquista do coquetel. É ela (penso numa mulher, como em geral são as divindades da bebida) que eu quero observar. Idealmente, gostaria de prendê-la e tirar uma foto dela, mas não tenho certeza de que isso seja possível. Assim, quando aquele alienígena curioso me perguntasse o que é a embriaguez, eu teria algo para mostrar.

1. Evolução

*Devemos recordar que as leis da natureza
Em geral são sadias,
E em todo lugar, por uma boa causa,
Um pouco de álcool é encontrado.
Há álcool na planta e na árvore,
Deve ser o plano da natureza
Que haja, em algum grau,
Um pouco de álcool no homem.*

A. P. Herbert (1956)

Antes de sermos humanos, já bebíamos. O álcool surge naturalmente, e sempre foi assim. Quando a vida começou, há 4 bilhões e não sei quantos anos, havia micróbios unicelulares nadando alegres na sopa primordial, consumindo açúcares simples e excretando etano e dióxido de carbono. Na prática, mijavam cerveja.

Felizmente, a vida evoluiu. Vieram as árvores e os frutos, que, se deixados apodrecer, fermentam de maneira natural. A fermentação produz açúcar e álcool, que as drosófilas amam. Não se

sabe se elas ficam bêbadas da maneira como compreendemos. Até porque elas são incapazes de falar, cantar ou dirigir. Só sabemos que, se uma drosófila macho tem suas investidas românticas recusadas por uma desdenhosa drosófila fêmea, seu consumo de álcool aumenta de forma dramática.

Infelizmente para os animais, o álcool produzido de forma natural não ocorre em quantidades grandes o suficiente para uma farra. Bom, às vezes até ocorre. Há uma ilha perto do Panamá em que os bugios podem se deliciar com as frutas caídas do tucum (que tem 4,5% de teor alcoólico). Eles ficam violentos e ruidosos, depois com sono e trôpegos, às vezes até chegam a cair das árvores e se machucar. Considerando o volume de álcool ingerido e o peso corporal dos bugios, é como se você tivesse tomado duas garrafas de vinho em meia hora. Mas isso é raro. Para a maior parte dos animais, simplesmente não há tanto álcool disponível, a menos que um cientista caridoso sequestre o bichinho, prenda-o num laboratório e o embebede.

Animais bêbados são divertidos, e é impossível não suspeitar que rendam boas risadas aos cientistas que se dedicam a executar experimentos cuidadosos para ver como o álcool afeta o cérebro e o comportamento de nossos primos quadrúpedes. O que acontece quando se dá uma dose a um rato, ou até uma quantidade ilimitada de álcool? O que acontece se uma colônia inteira deles for exposta a um esquema open bar?

Na verdade, ratos são muito civilizados. Mas não nos primeiros dias. Nesse período eles dão uma pirada, e então a maioria se estabiliza e toma uma média de dois drinques por dia: um antes de comer (que os cientistas identificam como aperitivo) e outro antes de dormir (para embalar o sono). A cada três ou quatro dias há um aumento no consumo de álcool quando os ratos se reúnem para uma festinha. Parece bem idílico, e alguns de nós nesse momento podem até estar desejando ter nascido ratos.

Mas é preciso lembrar duas coisas: nem todos os ratos têm a sorte de ser cobaias de laboratório; e há um lado sombrio na embriaguez dos roedores. Colônias de ratos em geral têm um macho dominante, o rei rato. Ele é abstêmio. O consumo de álcool é maior entre ratos de status mais baixo. Eles bebem para acalmar os nervos e esquecer as preocupações. Bebem, aparentemente, porque são fracassados.

E este é um dos maiores problemas quando se estuda animais bebendo: é tão estressante ficar trancado, sendo observado e testado, que o pobre coitado aceita qualquer inebriante que mandarem. E, para ser sincero, funcionaria ao contrário também. Se eu fosse capturado por um bando de orangotangos que me arrastasse até as árvores das florestas do Bornéu e me oferecesse martínis, eu provavelmente beberia, até porque tenho medo de altura.

Então os cientistas têm que encontrar maneiras sutis de dar bebida aos animais, sem assustá-los. Isso é verdadeiro em especial com elefantes, porque você não quer assustar um elefante bêbado por nada no mundo. Eles ficam violentos. Uma manada de elefantes invadiu uma destilaria na Índia em 1985, e a coisa não acabou nada bem. Eram 150 animais, que começaram a brigar e fizeram um rebuliço. Destruíram sete prédios e mataram cinco pessoas pisoteadas. Sinceramente, um elefante bêbado já é demais, agora 150 é bastante problemático.

É possível fazer esse tipo de coisa num ambiente mais controlado, como um parque de vida selvagem. Ponha cerveja na caçamba de uma picape, dirija até os elefantes, tire as tampinhas e deixe que provem. Em geral há certa confusão, e os elefantes maiores acabam bebendo grande parte. Mas você poderá observá-los aos tropeços e pegando no sono, o que é bem interessante. Contudo, até isso pode dar errado. Um cientista deixou um macho dominante beber demais e depois teve que separar uma briga entre um elefante muito louco e um rinoceronte. Elefantes

normalmente não atacam rinocerontes, mas a cerveja os transforma em babacas.

É mais seguro observar formigas. Havia uma teoria de que elas têm senhas, porque vivem em colônias nas quais não deixam outras formigas entrar. Isso levanta a seguinte questão: como sabem quem é quem? A teoria da senha é meio estranha, mas foi mais ou menos popular entre os excêntricos naturalistas vitorianos até ser veementemente desmantelada por Sir John Lubbock, o primeiro barão de Avebury, depois de alguns testes na década de 1870:

Sugeriu-se que as formigas de cada ninho têm um sinal ou uma senha através do qual se reconhecem. Para testar isso, fiz com que algumas perdessem os sentidos. Primeiro tentei clorofórmio, que se mostrou fatal, então não pude considerar o experimento satisfatório. Assim, decidi embebedá-las. Não foi tão fácil quanto eu esperava. Nenhuma das minhas formigas voluntariamente se degradou ficando bêbada. No entanto, superei essa dificuldade mergulhando-as no uísque por alguns instantes. Peguei cinquenta espécimes, 25 de um ninho e 25 de outro, deixei-as bêbadas, marquei cada uma com tinta e as deposei numa mesa perto de onde as formigas de um dos ninhos estavam se alimentando. Como sempre, a mesa estava cercada por água para evitar que se dispersassem. As formigas que se alimentavam logo notaram aquelas que eu havia embebedado. Pareceram surpresas ao encontrar seus pares em condições tão degradantes, e tão perdidas quanto ao que fazer com elas como costumamos ficar. Depois de um tempo, no entanto, para encurtar a história, carregaram todas; as do outro ninho foram jogadas na água, enquanto suas companheiras eram levadas de volta ao ninho, onde dormiam até que os efeitos do álcool passassem. Dessa forma, fica evidente que elas distinguem umas das outras, já que as inconscientes não podiam ter usado nenhum sinal ou senha de reconhecimento.

Essa citação pode parecer tola e bizarra, mas as relações entre embriaguez humana e animal, seu espelhamento, levaram aos maiores avanços da biologia vitoriana. Charles Darwin achava que macacos bêbados eram engraçados. E são. Mas também achava que eram relevantes. Ele ficou fascinado ao ouvir como se podia capturar um babuíno:

Os nativos do Noroeste Africano capturam babuínos selvagens disponibilizando vasilhas de cerveja forte, que os deixam embriagados. [Um zoólogo alemão] viu alguns desses animais, que manteve em confinamento nesse estado; a narrativa de seu comportamento e de suas estranhas caretas é hilariante. Na manhã seguinte, os macacos estavam zangados e abatidos; com uma expressão digna de pena no rosto, levavam ambas as mãos à cabeça dolorida; quando cerveja ou vinho eram oferecidos, recusavam com ojeriza, mas desfrutavam do caldo do limão. Um macaco americano, um *Ateles*, depois de uma embriaguez com brandy, nunca mais o tocou de novo, mostrando-se mais sábio do que muitos homens. Esses fatos triviais provam que os nervos do paladar devem ser muito similares nos macacos e no homem.

Darwin achava que, se homem e macaco reagem da mesma maneira à ressaca, eles devem ser aparentados. Essa prova não foi a única que encontrou, e ela o levou a uma teoria muito mais recente de parentesco.

A HIPÓTESE DO MACACO BÊBADO

Os humanos foram feitos para beber. Somos muito bons nisso. Melhores do que qualquer outro mamífero, com exceção talvez dos musaranhos-das-árvores, que vivem na Malásia. Nunca

entre numa competição de shots com um musaranho-das-árvores; ou, se entrar, não deixe que ele o convença a tomar shots proporcionais ao peso corporal. Eles podem tomar nove taças de vinho e ficar de boa. Isso porque evoluíram para sobreviver ao néctar fermentado das palmeiras. Por milhões de anos, os melhores bebedores da Malásia foram sendo selecionados naturalmente, e agora restaram apenas os campeões.

Mas somos parecidos com eles. Evoluímos para beber. Há 10 milhões de anos, nossos ancestrais desceram das árvores. Ainda não está muito claro por que fizeram isso, mas talvez seja porque estavam atrás das encantadoras frutas passadas que são encontradas no chão da floresta. Essas frutas têm maior concentração de açúcar e álcool. Então desenvolvemos um olfato capaz de sentir o álcool à distância. O álcool se tornou um indicador de açúcar.

Isso leva ao que os cientistas chamam de “efeito aperitivo”. O gosto e o cheiro do álcool abrem nosso apetite. Pensando a respeito, isso é um pouco estranho. O álcool já contém muitas calorias: por que consumir calorias faz com que se queira consumir ainda mais?

As pessoas vão dizer que uma inofensiva gim-tônica estimula o sistema digestivo, mas não é verdade. O álcool pode ser ministrado na veia e o efeito é o mesmo. Também não é porque pessoas embriagadas perdem o autocontrole. Na verdade, o álcool aciona um neurônio* particular no cérebro que nos deixa com muita, muita fome. Trata-se do mesmo neurônio que é acionado quando você está de fato morrendo de fome. E isso faz muito sentido para um cara de 10 milhões de anos atrás. Você está passeando pelo chão da floresta, talvez um pouquinho nostálgico quanto à época na qual vivia em cima das árvores, e sente um cheiro incrível de

* O neurônio hipotalâmico AgPR, para ser exato. Não que eu tenha alguma ideia do que seja.

fruta madura, que o leva até um melãozão ou coisa do tipo. É mais do que você deveria comer numa sentada, mas é melhor encarar. Afinal, pode guardar todas essas calorias como gordura para queimar depois. Então agora você tem um sistema de feedback: cada mordida lhe fornece um pouco de álcool, que atinge seu cérebro e faz com que fique com mais e mais fome, então você come mais, o que faz com que queira comer mais ainda. O resultado é que, 500 mil gerações depois, seu descendente que volta do bar decide que *precisa* comer um hot dog.

Mas voltando a 10 milhões de anos atrás. O álcool nos levou à comida, nos fez querer comer, mas agora precisamos processá-lo, ou vamos nos tornar comida para outro animal. Já é bem difícil lutar contra um predador pré-histórico quando se está sóbrio, mas tentar socar um tigre-dentes-de-sabre quando se está trançando as pernas é um pesadelo.

Tendo adquirido o gosto, precisávamos — do ponto de vista evolutivo — desenvolver um mecanismo de processamento. Há uma mutação genética bastante rigorosa ocorrida há 10 milhões de anos que nos faz processar o álcool quase tão bem quanto um musaranho-das-árvores. Tem a ver com uma enzima* em particular que começamos a produzir. Os homens (ou seus ancestrais) de repente perceberam que podiam beber mais do que todos os outros macacos na mesa. Num humano moderno, 10% das enzimas do fígado trabalham transformando álcool em energia.

Mas há um último desdobramento que é o mais importante para nós: como bebemos. Nós, humanos, bebemos socialmente. Oferecemos álcool a todos do grupo. Ficamos supercarinhosos e sentimentais, dizendo que todo mundo é nosso melhor amigo, que o amamos e tudo o mais. A parte mais interessante da Hipó-

* A álcool desidrogenase 4 (ADH_4), para ser exato. Não que eu tenha a mais vaga ideia do que seja.

tese do Macaco Bêbado é que tudo isso é programação evolutiva. Gostamos de álcool porque é a recompensa por ter consumido todas aquelas calorias. Dividimos com o grupo porque fazia sentido para os macacos alimentar a família e o bando. Bebemos juntos porque é uma forma de oferecer proteção contra os predadores. Um humano bêbado é uma presa fácil, mas vinte humanos bêbados vão fazer um tigre-dentes-de-sabre pensar duas vezes, não importa quão faminto esteja.

Essa última parte é a mais especulativa da teoria, mas também é bastante convincente. Somos os sortudos na loteria da bebedeira, e a Hipótese do Macaco Bêbado explica por quê. Mas devo admitir que nem todos os biólogos concordam com isso. E há até mesmo aqueles que acreditam que a evolução é uma mentira e que fomos criados por uma divindade benevolente. Criacionistas e evolucionistas têm uma tendência pouco civilizada ao bate-boca, mas suas jornadas distintas chegam ao mesmo destino. Benjamin Franklin, um dos pais da democracia nos Estados Unidos, notoriamente observou que a existência do vinho era “prova de que Deus nos ama, e ama nos ver felizes”. Mas, na mesma carta, ele fez uma observação importante sobre a anatomia humana:

Para confirmar ainda mais sua devoção e gratidão à Divina Providência, reflita sobre a posição do *cotovelo*. Em animais criados para beber as águas que passam sobre a terra, é possível ver que, se eles têm pernas longas, também têm pescoço longo, para que possam beber sem dobrar os joelhos. Mas o homem, que está destinado a beber vinho, é constituído de uma maneira que pode levar uma taça à boca. Se o cotovelo tivesse sido disposto mais próximo da mão, o antebraço seria curto demais para aproximar a taça da boca; se tivesse sido posto mais perto do ombro, seria tão longo que, quando se tentasse levar o vinho à boca, ele iria além e cairia por sobre a cabeça... Mas, com essa exata posição do cotovelo,

conseguimos beber com facilidade, pois a taça vai diretamente à boca. De modo que, com a taça na mão, devemos adorar essa sabedoria benevolente; adorar e beber!

Franklin também argumentou que o dilúvio de Noé tinha a intenção de punir a humanidade por beber água, tentando nos afogar nela. O fato é que, de qualquer maneira — quer sejamos criacionistas ou evolucionistas —, fomos feitos para beber.

2. A pré-história da bebida

Humanos anatomicamente modernos (como você) estão por aqui há cerca de 150 mil anos, embora os primeiros 125 mil tenham sido meio que péssimos. Até onde se sabe, não havia bebidas alcoólicas propriamente ditas. É tudo um pouco incerto, claro, considerando que os humanos pré-históricos não faziam anotações. Estavam ocupados demais caçando, formando grupos e pintando cavernas.

O primeiro raio de esperança foi uma mulher chamada Vênus de Laussel. Há cerca de 25 mil anos, alguém entalhou em pedra uma mulher com seios enormes e uma barriga protuberante que *parece* estar levando um corno de beber à boca. Nem todos concordam com isso. Alguns dizem que é um instrumento musical e que a pobre garota só estava confusa quanto a que extremidade soprar. Outros arqueólogos acham que tem algo a ver com menstruação. É claro que, mesmo se for um corno de beber, poderia conter apenas água. Mas parece improvável, já que beber água não é algo que se queira gravar numa pedra para a posteridade. Mas nunca saberemos.